

Causalidade e Causação

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

A defesa e promulgação do Agostinianismo, devido ao fato do empirismo apelar a muitos pontos subsidiários, pode e realmente deve considerar vários detalhes. Eles não são sem importância. Um desses é a teoria da causalidade. O argumento cosmológico, nos últimos anos de uma maneira mais óbvia que antigamente, utiliza o conceito de causa. O público geral constantemente fala sobre causas e efeitos. David Hume disse que não existem tais coisas. Kant replicou: Oh sim, elas existem. Aristóteles e Aquino tinham quatro causas; isto é, eles definiram *causa* de quatro maneiras, nenhuma das quais era o significado dado à palavra por Hume, Kant e cientistas da Idade Moderna. Com exceção dos católicos romanos, as quatro causas de Aristóteles não têm nenhum lugar no pensamento contemporâneo. Os apologetas evangélicos de hoje usam o termo *causa* geralmente sem indicar pelo que eles substituíram as quatro [causas] de Aristóteles. Se conhecem o significado de Kant, eles devem rejeitá-lo porque é inconsistente com o empirismo deles. Mas visto que eles usualmente recusam definir o termo, a prova cosmológica deles é ininteligível.

A dificuldade pode ser exemplificada notando que estes apologetas desejam dizer que Deus é a causa do mundo, e a rotação da Terra é a causa do nascer-do-sol. Mas isto é confusão absoluta. As causas de Kant eram estritamente limitadas a uma sucessão de eventos sensorialmente observados. Mas Deus não pode ser a causa do mundo porque Deus não é um evento temporal anterior. É perfeitamente claro, portanto, que o apologeta cristão empirista está sob a obrigação de definir *causalidade*. Há somente um tipo de causação, dois ou quatro, e o que precisamente ele ou eles são?

Sobre princípios empíricos, o Bispo Berkeley refutou a noção de causalidade como então entendida por Locke e os cientistas; mas de alguma forma Hume recebeu o crédito. Ele argumentou que a grande familiaridade com uma seqüência repetida de eventos nos engana ao pensarmos que podemos supor os efeitos a partir das causas. Nós imaginamos que sem experiência podemos inferir que o impacto de uma bola de sinuca comunicaria movimento a uma segunda bola; ou que uma pedra elevada e então deixada sem suporte cairia. Mas sem experiência poderíamos muito bem supor que a segunda bola de sinuca pararia a primeira, ou que a pedra “cairia” para cima.

Agora, visto que todo efeito é um evento ou sensação distinta da sua causa, qualquer relação a priori entre elas devem ser puramente arbitrária. Neste ponto o apologista empirista dirá: “E daí? Nós aprendemos as causas por experiência”. Mas a ciência nunca pode mostrar a ação de um poder que produz sequer um simples efeito no universo. A experiência nos ensina, na melhor das hipóteses, que um evento segue outro. Ela nunca mostra que um causa o outro. A experiência dá seqüência, não causalidade. “O princípio” pelo qual os homens estão determinados a traçar uma conclusão causal

é o costume ou hábito. Pois sempre que a repetição de qualquer ato ou operação particular produz uma propensão a renovar o mesmo ato ou operação, sem ser impelido por algum raciocínio ou processo de entendimento, sempre dizemos que esta propensão é o efeito do costume. Ao empregar esta palavra pretendemos não ter dado a razão última à tal propensão”.^a

É interessante notar que enquanto Hume negava todos os milagres, houve um muçulmano medieval que antecipou os argumentos de Hume contra a causalidade e concluiu que todo evento é um milagre. Visto que nenhuma sensação pode ser a causa de outra sensação, todo evento é imediatamente causado por Deus. Mas inquestionavelmente, aqui o termo *causa* não pode ter o significado científico do século dezoito.

A ciência do século vinte, contudo, não tem lugar para a causalidade. As leis da física são equações diferenciais que supostamente descrevem o movimento de algum objeto. Não existe nenhuma *gravidade* que faça uma pedra cair. Mas é assumido que as pedras caem, não numa linha reta, mas num arco de uma elipse; e embora os cálculos que substituíram a aritmética simples de Galileu não possam explicar como um corpo começa a cair – sombras de Zenão – a equação descreve mais ou menos de maneira exata seu caminho após a queda começar.

Visto que a maioria dos apologistas previamente mencionados não são cientistas cuidadosos, pode-se provar ser útil definir *causa* em termos coloquiais e concluir que não existe tal coisa. Se os apologistas não gostam do argumento e de suas conclusões, devemos suplicar-lhes que digam o que querem dizer por *causalidade*. Se forem bem sucedidos, eles podem então continuar e reconstruir o argumento cosmológico.

Em primeiro lugar, *causalidade* é um termo relativo; isto é, não pode haver causa, a menos que haja efeito. Podemos dizer que X causa Y. Omita um deles, e não haverá nem causa nem efeito. Algumas causas e efeitos podem parecer ser simultâneas; a rotação da Terra continua enquanto o sol está nascendo. Mas, certamente, a Terra tinha estado girando previamente. Similarmente, quando no baseball o bateador faz um *home run*,^b ele está movimentando seu bastão antes da bola começar sua trajetória sobre o campo. Por conseguinte, quando X causa Y, estes dois eventos distintos são separados por um intervalo de tempo. Levou uma semana ou dez dias para que o assassinato do Arquiduque causasse a Primeira Guerra Mundial. A bala que o matou precedeu sua morte por apenas um minuto. De qualquer maneira, causa e efeito são dois eventos temporariamente distintos.

Em segundo lugar, entre o disparo da bala e a morte do Arquiduque, várias coisas poderiam ter ocorrido, e ocorreram. Sua esposa, não esperando sua morte, sorria para a multidão na rua. Então, entre o assassinato e a invasão da Bélgica pela Alemanha, todo tipo de coisa ocorreu na China e na Europa também. Durante o

^a David Hume, *Enquiry Concerning Human Understanding*, Seção V, 1.

^b Nota do tradutor: Um *home run* é uma tacada não só fora do alcance dos adversários, mas do próprio perímetro do jogo. Indefensável. Vale pelo menos um ponto. A comparação com o futebol não é perfeita, mas é como se fosse um gol. Estatisticamente o *home run* é mais difícil.

intervalo, Lord Grey e o Kaiser poderiam ter evitado a guerra, e neste caso a morte do Arquiduque não teria sido a causa que ela foi. Certamente, historiadores insistem que a causa real da guerra foi o complexo de tratados desenvolvidos durante um período de anos. Mas isto somente aumenta o intervalo de tempo durante o qual a guerra poderia ter sido evitada.

Agora, em terceiro lugar, o argumento requer alguma definição do termo *causa*. Visto que os defensores do argumento cosmológico não nos favorecem com uma, deve ser feita uma tentativa para supor qual opinião comum está na mente deles de maneira confusa. Visto que para um evento ser uma causa *deve* haver um efeito, uma causa *deve* ser um evento que garanta o efeito. Dado uma causa, *deve* haver um efeito. *Deve* haver, pois a causa *deve* produzir seu resultado. Se no intervalo de tempo algo acontece, ou até mesmo possa acontecer, para impedir o efeito, então não há nenhuma causa.

Para concluir, em quarto lugar, sempre é possível que algum evento durante o intervalo de tempo possa impedir o evento previamente chamado de efeito. Lord Grey é um exemplo. A bola de baseball poderia partir ao meio. Ou, se fôssemos sugerir que o alimento é a causa do nutrimento, aquele que come poderia vomitar se ele estivesse numa embarcação oscilando no meio do mar. Ou, neste século vinte, uma bomba atômica poderia interferir. Quanto ao nascer-do-sol, que o oponente rapidamente menciona, nossa estrela poderia explodir ou a Terra desintegrar. Se o oponente é um cristão verdadeiro, ele terá que concordar com a possibilidade de que Deus no intervalo possa destruir os céus e a terra com fogo ardente, e eles cessarem de existir.

Se este argumento não tiver feito o apologeta cair em si, ele provavelmente adiantará duas objeções. Primeiro, mas illogicamente, ele dirá: “Mas eu quero dizer que X causa Y se nada intervier”. Declarada assim de maneira grosseira, a falácia é flagrante. Contudo, ela pode ser declarada mais veladamente. O alimento nos nutre, se não tivermos enjôo, e se o estomago terminar sua função, e se os sucos forem absorvidos no sangue, e se o sangue for levado aos músculos. Mas note bem: nós não temos mais dois eventos, X e Y. Temos a definição de nutrimento; e, certamente, é lógico insistir que se nos nutrimos, segue-se logicamente, mas não temporariamente, que nos nutrimos.

A segunda réplica que o apologeta provavelmente daria é que um cristão tal como eu deve reconhecer que Deus causa todas as coisas. De fato, isto eu reconheço com toda certeza; mas o significado do termo *causa* foi drasticamente mudado. Começamos falando sobre dois eventos no mundo espaço-temporal: o bastão causou a bola passar por cima do muro, mastigar a comida na boca causou o nutrimento, uma bala causou a morte do Arquiduque. Mas agora o apologeta empirista começa a falar sobre Deus causando tudo. Nós agora concordamos com o islâmico e anti-aristotélico Al-Ghazali^c: Deus e Deus somente é a causa, pois somente Deus pode garantir a ocorrência Y, e de fato a de X também. Até mesmo os teólogos de Westminster timidamente

^c Abu Hamid Muhammad ibn Muhammad al-Ghazali (1059 - 1111) foi um teólogo e filósofo persa. Filósofo de vertente céptica e recionalista, expôs sua doutrina especialmente em *Autodestruição dos filósofos* (em árabe *Tahafut al-falasifah*). Nesta obra, al-Ghazali se opõe tanto ao aristotelismo de Avicena quanto ao neoplatonismo dos demais filósofos árabes. (Fonte: Wikipedia Português).

concordaram, pois após afirmar que Deus pré-ordena tudo o que acontece, e que “nenhum dos teus planos pode ser frustrado” (Jó 42:2), eles adicionam: “Embora... todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam conforme a natureza das causas secundárias...”. O que eles chamam de causas secundárias, Malebranche tinha chamado de ocasiões. Mas uma ocasião não é um *fiat lux*, nem uma equação diferencial.

Finalmente, visto que todas as leis da física são falsas – como sua história indica – e visto que a Escritura não ensina o mecanicismo, mas afirma que o mundo é governado teleologicamente por propósitos que não podem ser restringidos nem entendidos, como René Descartes deixou claro, o empirismo com seu argumento cosmológico deve ser abandonado.

Fonte: Capítulo 6 do livro *Lord God of Truth*, Gordon H. Clark, Trinity Foundation, p. 23-27.

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), filósofo e teólogo calvinista americano, foi o primeiro defensor do conceito apologético pressuposicional e presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Especialista em Filosofia Pré-socrática e Antiga, tornou-se conhecido pelo rigor na defesa do realismo platônico contra todas as formas de empirismo e pela afirmação de que toda a verdade é proposicional e pela aplicação das leis da lógica

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo*.